

TEXTOS
(Sugestões para Seminários)

CENTROS DE IDEALISMO POLÍTICO
(Oliveira Viana)

Desses centros de idealismo político os mais importantes, por serem justamente os focos de sua elaboração, eram as academias superiores. Fundadas em 1827, nelas se educaram e formaram os representantes dessa geração que sucedeu à da Independência e cuja ação começou a se fazer sentir nos primeiros decênios do Segundo Império. Essa segunda geração teve, porém, por mestres os representantes da geração anterior, educada, como vimos, no espírito da velha universidade peninsular. Herdou-lhe, portanto, o seu idealismo, que era de tipo utópico e não orgânico.

Daí por diante a tradição estava criada, o costume estava formado: esses centros de cultura nacional tornaram-se os mais legítimos focos de ideais europeus neste recanto da América. Durante todo o Império as gerações que deles saíram para as lutas da vida pública vinham inteiramente embebidas desse idealismo de origem e tipo europeus e o pregaram, em todos os tons, pela imprensa, pelo livro, pelos comícios, nos debates parlamentares, batendo-se, por todas ou algumas das grandes idéias, de que ele se compunha; o Liberalismo, o Parlamentarismo, o Federalismo, a Democracia, a República.

São Paulo e Recife, principalmente nos últimos decênios do Império, foram, através das suas academias, centros de um admirável movimento intelectual, inteiramente idealista, inteiramente tendente a realizar no Brasil a "Idéia Nova". Deles é que saíram os nossos mais ardentes abolicionistas, os nossos mais convencidos federalistas, os nossos mais impetuosos republicanos. Houve um momento em que a escola de Recife culminou em brilho, em força, em esplendor mental: foi o momento daquela geração de agitadores e idealistas de talento, a que pertenceram Tobias Barreto, Castro Alves, Sílvia Romero e outros. São Paulo secundou o movimento abolicionista e foi também um dos centros mais vivazes do ideal da República e da Federação.

O papel exercido pelas academias em nossa evolução política não tem sido, porém, apenas esse, que resulta do fato de serem elas, aqui,

os centros principais da elaboração do idealismo europeu: também atuaram — naquela época incomparavelmente mais do que hoje — como agentes de disseminação desse idealismo. tal como o periodismo e a publicística. E isto porque, dado o seu número limitado, para elas confluíram os melhores elementos das nossas novas gerações provincianas, egressas do recesso das propriedades rurais e afluídas de todos os pontos do País.

Mergulhados no ambiente dessas escolas, esses rapazes bisinhos como que se despiam do que neles havia de cunho especificamente nacional: a sua mentalidade ruralista se transfigurava inteiramente. Formados, retornavam aos seus lares, à sua província ou à sua aldeia natal — e eram ali outros tantos focos irradiantes do velho idealismo utópico, aprendido nas academias, de onde tinham saído.

Destarte, sob a ação infiltrante do “doutor”, remergulhando, com o seu diploma, no seu primitivo meio provinciano e rural, a área de influência de nossas academias se fez, durante todo o período imperial, incomparavelmente mais vasta do que pode parecer à primeira vista. O campo das utopias exógenas, de que elas eram o centro gerador, se estendeu com isto desmedidamente, abrangendo não apenas as capitais das províncias, mas mesmo os mais obscuros núcleos urbanos do Sertão ou da Mata.

(O Idealismo da Constituição, 2ª edição, págs. 29/31. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1929. Coleção “Brasiliana”, v. 141.)

*

EM DEFESA DE “O PRIMO BASÍLIO”

(Eça de Queirós)

(Carta a Teófilo Braga)

Newcastle, 12 de março de 1878.

Meu caro Teófilo Braga.

É de você que tenho recebido, depois das minhas duas tentativas de arte, as cartas mais animadoras e mais recompensadoras. É você, como o nosso belo e grande Ramalho, que mais me tem empurrado para

diante. Eu nunca respondi à sua excelente carta sobre o **Padre Amaro**: contava então ir a Lisboa, e lá conversar longamente consigo: o homem propõe, a ocasião dispõe — e as poucas semanas que aí estive passaram sem nos encontrarmos. Talvez você imaginasse que a sua carta de então me tinha passado sobre o espírito como água sobre guta-percha. Está bem enganado: embebi-me dela. Ela deu-me valor e arranque para me atirar ao **Primo Basílio**, com a consolação de que vale a pena escrever um livro quando se tem um leitor como você.

A sua última foi para mim um grande alívio. Eu estava-lhe com receio: como todos os artistas, creia, eu trabalho para três ou quatro pessoas, tendo sempre presente a sua crítica pessoal. E muitas vezes, depois de ver **O Primo Basílio** impresso, pensei: — **o Teófilo não vai gostar!** Com o seu nobre e belo fanatismo da Revolução, não admitindo que se desvie do seu serviço nem uma parcela do movimento intelectual — era bem possível que você vendo **O Primo Basílio** separar-se, pelo assunto e pelo processo, da arte de combate a que pertencia o **Padre Amaro**, o desaprovasse. Por isso a sua aprovação foi para mim uma agradável surpresa, e todavia a sua aprovação é mais ao processo que ao assunto; e você vendo-me tomar a família como assunto, pensa que eu não devia atacar esta instituição eterna, e devia voltar ao meu instrumento de experimentação social contra os produtos transitórios, que se perpetuam além do momento que os justificou, e que de forças sociais passaram a ser **empecilhos** públicos. Perfeitamente: mas eu não ataco a família — ataco a família lisboeta — a família lisboeta produto do namoro, reunião desagradável de egóismos que se contradizem, e mais tarde ou mais cedo centro de bambochata. Em **O Primo Basílio** que apresenta, sobretudo, um pequeno quadro doméstico, excessivamente familiar a quem conhece bem a burguesia de Lisboa: — a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já o não tem; sanção moral da justiça, não sabe o que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc., — enfim a **burguesinha da Baixa**; por outro lado o amante — um maroto, sem paixão nem a justificação da sua tirania, que o que pretende é a vaidadezinha de uma aventura, e o amor **gratis**; do outro lado a criada, em revolta secreta contra a sua condição, ávida de desforra; por outro lado a sociedade que cerca estes personagens — o formalismo oficial (Acácio), a beatice parva de temperamento irritado (Dona Felicidade), a literaturinha acéfala (Ernestinho), o descontentamento azedo e o tédio de profissão (Julião) e às vezes quando calha, um pobre bom rapaz (Sebastião). Um grupo social, em Lisboa, compõe-se, com pequenas modificações, destes elementos do-

minantes. Eu conheço vinte grupos assim formados. Uma sociedade sobre estas falsas bases, não está na verdade: atacá-las é um dever. E neste ponto **O Primo Basílio** não está inteiramente fora da arte revolucionária, creio. Amaro é um empecilho, mas os Acácios, os Ernestos, os Saavedras, os Basílios são formidáveis empecilhos: são uma bem bonita causa de anarquia no meio da transformação moderna; merecem partilhar com o **Padre Amaro** da bengalada do homem de bem.

A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 — e mostrar-lhe como num espelho, que triste país eles formam — eles e elas. É o meu fim nas **Cenas da Vida Portuguesa**. É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso — e com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações, que lhe dá uma sociedade podre. Não lhe parece você que um tal trabalho é justo ?

Em quanto ao processo, estimo que você o aprove. Eu acho em **O Primo Basílio** uma superabundância de detalhes, que obtive, e abafei um pouco a ação; o meu processo precisa simplificar-se, condensar-se — e estudo isso; o essencial é dar a **nota justa**; um traço justo e sóbrio, cria mais que a acumulação de tons e de valores, como se diz em pintura. Mas isto é querer muito. Pobre de mim — nunca poderei dar a sublime nota da realidade eterna, como o divino Balzac — ou a nota justa da realidade transitória como o grande Flaubert ! Estes deuses e estes semideuses da Arte estão nas alturas — e eu, desgraçadinho, rabeio nas ervas ínfimas. E todavia se já houve sociedade que reclamasse um artista vingador é esta ! É sobretudo, vista de longe no seu conjunto, e contemplada de um meio forte como este aqui (sejam quais forem os seus grandes males, forte decerto) que contrista, achá-la tão mesquinha, tão estúpida, tão convencionalmente pateta, tão grotesca e tão pulha !

Alegra-me que você queira escrever alguma coisa sobre o **Basílio**; a sua opinião, publicada, daria ao meu pobre romance uma autoridade imprevista. Dar-lhe-ia um direito de existência; e de todos os defeitos, faltas ou erros que você notar — tomarei cautelosamente nota. Eu tenho a paixão de ser **leccionado**: e basta darem-me a entender o bom caminho para eu me atirar para ele. Mas a crítica, ou o que em Portugal se chama a crítica, conserva sobre mim um silêncio desdenhoso.

Como você viu bem o caráter do Basílio ! Está claro que a fortuna nunca o poderia ter moralizado: a sua fortuna, como você diz, foi um bambúrrio: era pulha antes, um pulha pobre, depois tornou-se apenas um pulha rico. Pessoas amigas escrevem-se dizendo que parece incrível que um homem que trabalhou no Brasil com valor, seja no fundo um canalha !

Estranha opinião ! A Bahia considerada como a Fonte Santa da Purificação...

Bast~ de cavaqueira. Se você publica algum livro por esta ocasião, mande-mo; e se tiver por aí alguns volumes da sua **História da Literatura** a de mais, e que lhe não façam falta, dê-os ao Ramalho que ele mos manda. Eu, os que tinha, perdi-os estupidamente, com as obras de Shakespeare, de V. Hugo, num caixote, caminho do Havre, e outras obras mais. Escrevi para o Porto a um amigo a mandá-los pedir, e nunca me respondeu sequer: e eu preciso deles para um pequeno trabalho. Se não se esquecer — lembre-se. Um abraço do seu grande admirador e dedicado amigo velho,

Eça de Queirós.

(**O Primo Basílio**, págs. 319/321, edição da Abril Cultural, na coleção **Os mortais da Literatura Universal**, vol. 24.)

*

* *